

As tolices a serem arquivadas em 1986

O ano de 1985 mostrou, mais uma vez, que há uma imensa legião de mitos, tolices repetidas há anos sobre a economia brasileira, que têm levado governos a tomarem decisões erradas (em favor, geralmente, dos interesses dos grandes grupos). Vale a pena recapitular alguns dos mitos que caíram por terra em 1985, para que haja mais realismo e menos verborragia nas análises econômicas correntes no País — pois, com isso, o Governo poderá corrigir erros em suas diretrizes econômicas.

★ Exportações — Dizia-se que iam cair, por causa da desaceleração da economia norte-americana. Esquecia-se de que o Brasil e outros países em desenvolvimento vinham realizando operações de troca ("Compra de mim, que eu compro de você"), em escala crescente, desde a "crise da dívida" — e isso assegurava a expansão do comércio exterior. O saldo de US\$ 12 bilhões na balança comercial desmente as previsões pessimistas feitas por líderes exportadores e economistas, ao longo do ano.

★ Protecionismo — Vira-e-mexe, lá vem a história de que os países ricos são protecionistas e erguem barreiras às exportações dos países em desenvolvimento, como o

Brasil. Desmentido acachapante dessa tendência: os EUA liberaram totalmente a importação de automóveis, extinguindo até mesmo os limites voluntários que o Japão adotava. Em 1985, os carros estrangeiros dominaram quase 30% do mercado norte-americano. E, outro exemplo: ainda recentemente, Reagan vetou a imposição de limites às importações de têxteis, que o Congresso havia aprovado.

★ Protecionismo, ainda — Os países ricos têm levantado barreiras, sim, aos produtos vendidos a preços artificialmente baixos, por países como o Brasil, graças aos incentivos (isenção de impostos, energia mais barata, crédito subsidiado) concedido pelos Governos do 3º Mundo

(às custas do povo desses países).

★ Desaceleração da economia dos EUA — Em dezembro, o desemprego atingiu seu mais baixo nível desde 1980, com 6,9% de desempregados (e o número de empregados é recorde). Há setores que vêm crescendo pouco nos EUA, efetivamente — mas por causa da concorrência de importações.

★ Maxidesvalorização — O Lobby exportador, que desejava nova maxi do cruzeiro, foi derrotado (por enquanto) pelo crescimento das exportações.

★ Déficit da Previdência — Era uma bomba que ia exigir novo aumento das contribuições dos trabalhadores, segundo diziam (confidencialmente) as-

sessores governamentais progressistas. Foi extinto, e substituído por superávits.

★ Ações da Petrobrás — Quando o Governo disse que ia vender 3 bilhões ou 5 bilhões dessas ações, logo surgiram os sábios, a afirmar que o mercado de ações não conseguiria absorver esse volume, que era concorrência estatizante com as ações de empresas privadas e essa baixaria toda. As ações foram colocadas antes mesmo do prazo previsto, mostrando que o mercado de ações não cresce, no Brasil, porque há interesses poderosos que desejam continuar ganhando sozinhos na farra das Bolsas de Valores.

Moral da História: Há quase um ano, dizia-se nesta coluna que a Nova República deveria limpar a cabeça, esquecer os slogans catastrofistas, a visão pessimista sobre os pretensos problemas da economia brasileira, as tais bombas de retardamento que se dizia haver dentro dela — pois tudo isso era exagero, discurso de oposição ao regime fechado. Quem fizer um esforço de memória, vai se lembrar de como era obrigatório ser pessimista, catastrofista, no País (quem não o fosse era considerado adesista). O ano de 1985 deu início à desmistificação. Mas ainda há muito a avançar, para chegar a uma política econômica correta.

